

Identidade quilombola: a cupópia como prática de resistência no quilombo Cafundó

Rafaela Santos Barbosa

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21138078>

Introdução

A partir das contribuições da psicologia latino-americana e dos estudos decoloniais e contra-coloniais (Carneiro, 2023; Gonzalez, 2020; Martín-Baró, 2017; Montero, 2004; Nascimento, 2006; Quijano, 2005; Rivera Cusicanqui, 2010; Santos Souza, 1983), entende-se que os saberes se inscrevem como uma episteme enraizada no território, na cultura e nas práticas cotidianas dos povos, de maneira que, conhecer algo, não se limita à interpretação concreta ou meramente teórica da realidade, mas implica uma relação de pertencimento com ela. Logo, é necessário compreender de maneira atenta quais saberes circulam no território, entendendo que estes estão em processo contínuo de criação e transformação, uma vez que são vivos e se adaptam com o grupo em meio aos movimentos de existência e resistência.

Ao trazer a Cupópia – língua originada e vivenciada no Quilombo Cafundó – enquanto uma ciência oriunda do próprio território, o presente trabalho busca situar a construção desse saber, identificando sua importância na formação da identidade do quilombolo. Portanto, a identidade é constituída em relação com – a cultura, a história, os símbolos comuns e as experiências vivenciadas –, possuindo um caráter múltiplo (Martín-Baró, 2017). Nessa direção, a língua, enquanto um conjunto simbólico compartilhado e construído em comunidade, é parte central na construção identitária, no modo de ser, vivenciar e nomear as experiências coletivas.

É nesse panorama que a língua se apresenta como território simbólico de produção de mundo. Falar também é sustentar memória, organizar experiências e afirmar pertencimento (Bispo dos Santos, 2015). No contexto do Quilombo Cafundó, marcado por processos de apagamento cultural e identitário, a língua opera como ferramenta de resistência, onde a história permanece viva na oralidade e na reinvenção cotidiana da palavra.

A partir de uma pesquisa de caráter bibliográfico e documental, valorizando as

fontes orais e comunitárias através de documentários, registros culturais e materiais que retratam a comunidade a partir dela mesma, propõe-se analisar a língua Cupópia como saber fundamental na construção identitária e como prática de pertencimento e resistência simbólica, política e cultural. Mais do que um objeto de investigação, a Cupópia se configura como expressão de um território que enuncia a si mesmo e preserva sua própria história.

Nessa direção, tomando como referência a concepção de temporalidade proposta por Antônio Bispo dos Santos (2015), busca-se também registrar esse corpo-território (Cabnal, 2010), de modo a afirmar sua resistência territorial e simbólica frente aos movimentos atuais de intensificação de discursos de ódio e de deslegitimação dos saberes ancestrais e das existências quilombolas.

Desenvolvimento

Ao refletir sobre a noção de identidade, Bader Sawaia (2004, p. 122) a compreende enquanto um conceito político, que pode colaborar para inclusão ou exclusão social, uma vez que a referência identitária pode ser uma forma de hierarquização do poder social, legitimando ou não discursos de dominação entre pessoas e grupos. Nesta direção, a identidade é compreendida aqui enquanto um resultado da confluência entre experiências subjetivas e coletivas, englobando os sentidos e significados que tais vivências vão formando para o indivíduo. Logo, o indivíduo é visto não como unidade deslocada do meio, mas como ser biopsicossocial (Baró, 1989, *apud* Furtado; Pedroza; Alves, 2014).

Assim, conforme aponta Bader Sawaia acerca da identidade enquanto construção ético-política norteadora de relações democráticas:

[A] identidade, sem abrir mão de seu modo de ser, acolhe a multiplicidade em encontros afetivos, que geram prazer, alimentados pela diversidade e sem temer o estranho. Torna-se modelo de intersubjetividade na promoção não destrutiva da vida comum, mantendo acesa a possibilidade da política criar formas de solidariedade entre diversos através de encontros crioulos (2004, p. 126-127).

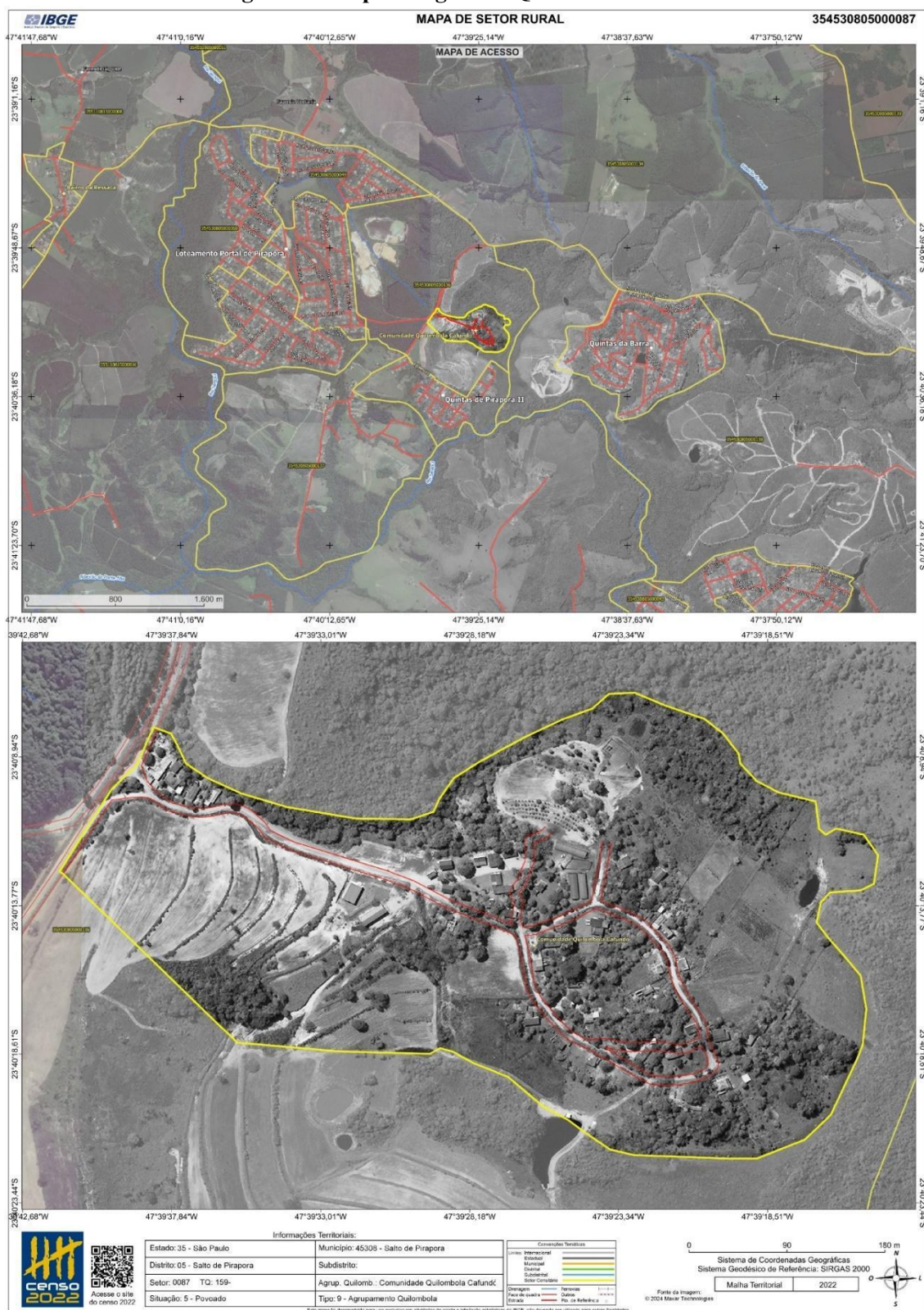
Considerando o recorte brasileiro, não se pode negar as marcas culturais e socioeconômicas deixadas pelo processo de mais de três séculos de escravidão, impulsionado pelo colonialismo, que criou estruturas ideológicas e legais para fazer perdurar o regime escravocrata. No entanto, os quilombos – organizados por pessoas

negras escravizadas que fugiram e lutaram contra o regime – se constituíram enquanto espaços físicos e simbólicos de resistência e de união, uma vez que, nesses espaços, era possível praticar a fé, a língua, os costumes e a liberdade, mesmo diante das limitações impostas pela violência escravagista (Furtado; Pedroza; Alves, 2014).

Uma vez que a identidade se constitui em meio aos processos históricos e culturais, ao direcionar o olhar para o contexto das identidades quilombolas, observa-se a presença de um imaginário coletivo profundamente marcado pelas memórias da escravidão e pelas contínuas lutas por terra e pelo direito à igualdade social. Em contrapartida, quando se analisa o imaginário brasileiro, é evidenciado o apagamento da existência dos quilombos enquanto espaços históricos, presentes apenas no período de escravidão e extintos na atualidade, como se não existisse função e espaço social para as comunidades quilombolas, uma vez que a escravidão acabou e o modelo socioeconômico mudou – ideia esta simplista e que invisibiliza os abismos sociais deixados pelo regime escravocrata e as lutas em curso das comunidades quilombolas (Furtado; Pedroza; Alves, 2014).

Diante disso, para se aproximar dos aspectos que compõem a identidade do Quilombo Cafundó, enquanto processo em movimento e não encerrado, torna-se fundamental contextualizar e explicitar a origem e a trajetória histórica desse território, reconhecendo-o como um espaço vivo e pulsante. Conforme narra em vídeo Regina Pereira, liderança no quilombo (Ubu Editora, 2022), o Quilombo Cafundó, situado no município de Salto de Pirapora, no interior do estado de São Paulo (Figura 1), surge muito antes da titulação de terras oficial emitida pela INCRA em 2024, anterior ainda ao período da abolição, quando em 1876, Joaquim Manoel de Oliveira, explorador de mão de obra escrava, liberta cerca de quinze pessoas escravizadas e doa parte de suas terras para Joaquim Congo – homem negro que foi traficado de Angola para o Brasil, escravizado, e que trouxe e manteve consigo a herança linguística de Angola. A família de Joaquim Congo – tataravô de Regina – ocupou e transmitiu as terras para sua família, e foi uma de suas duas filhas, Ifigênia, que deu início ao que posteriormente seria reconhecido como o Quilombo Cafundó, comunidade baseada na continuidade familiar e cultural.

Figura 1 - Mapa Geográfico Quilombo Cafundó



Fonte: IBGE (2022).

A identidade do Quilombo Cafundó foi e continua sendo atravessada por processos de disputa de território, sobretudo por posseiros, grileiros e fazendeiros, o que evidencia a persistência da colonialidade na organização territorial e social brasileira.

Silva (2016, p. 23) demonstra que a redução territorial e os conflitos fundiários marcaram profundamente a trajetória da comunidade, evidenciando que a existência quilombola se sustenta em um processo contínuo de resistência.

Ainda conforme traz Regina (Corpos da Água Vermelha, 2021), a comunidade do Cafundó ficou internacionalmente conhecida pela língua Cupópia, uma vez que foram realizadas pesquisas antropológicas e linguísticas no território (Vogt; Fry, 1996; Jornal da Tarde, 1995), porém sem gerar nenhum retorno para a comunidade, que continuava enfrentando dificuldades estruturais importantes, como falta de acesso à infraestrutura, insegurança alimentar e falta de apoio dos órgãos competentes. Quando Regina assumiu a coordenação da comunidade em 2005, foram realizados novos movimentos para mobilizar a imprensa e pressionar os dispositivos governamentais e federais, como o INCRA, para obter seus direitos em relação à regulamentação territorial.

A luta pelas terras pertencentes ao Quilombo Cafundó segue avançando, porém ainda está em curso. O território quilombola está diretamente relacionado com a identidade do grupo, de forma que, a luta pela terra é também pela existência. Nesse sentido, a fala de Regina, liderança no quilombo, reafirma a relação entre território, direito e identidade, denunciando a exclusão social que atravessa a história do Cafundó:

Pelo mínimo direito que você acha que um cidadão pode ter lá fora, dentro de uma comunidade quilombola, você tem que brigar muito mais, né? Porque aqui parece que eles não tem direito à nada, tem direito à ser gente pelo menos (Corpos da Água Vermelha, 2021, 11:00).

A partir de um olhar do território enquanto dimensão histórica, social e política, Beatriz Nascimento (*apud* Ratts, 2006) aponta que o quilombo deve ser compreendido como uma forma histórica de organização da população negra na diáspora, se constituindo como espaço de continuidade de matrizes africanas no Brasil. Essa formulação desloca o quilombo de uma posição marginal para o centro da produção de conhecimento e de modos de vida, permitindo compreender o Quilombo Cafundó como um território ativo, onde memória, cultura e identidade são continuamente produzidas.

É nesse contexto que a língua Cupópia emerge como um elemento central na organização da identidade comunitária do Cafundó. Sua origem está vinculada à articulação entre o português e vocábulos de origem africana, especialmente do quimbundo – pertencente ao tronco linguístico Bantu –, sendo resultado de processos históricos de recriação linguística que ocorreram no contexto da escravidão e do

pós-abolição (Dudcoschi, 2021). A Cupópia não pode ser compreendida como um sistema linguístico isolado ou residual, mas como uma prática social que carrega marcas da experiência histórica da população negra e de sua capacidade de produzir formas próprias de comunicação.

Nesse sentido, a língua opera também como uma ferramenta simbólica e concreta que legitima a identidade coletiva. Registros audiovisuais sobre o Quilombo Cafundó mostram que a língua foi transmitida ao longo de gerações, permanecendo como um elemento vivo da cultura local e como um recurso de identificação coletiva próprio do Cafundó (TV TEM, 2025; SESC SP, 2018).

Conforme a fala de Lucimara Rosa, representante da associação do quilombo (Periferia em Movimento, 2025, 2:00), o uso da língua está diretamente ligado ao dia a dia da comunidade, sendo transmitido para os mais jovens através das rodas de jongo, que carregam em suas letras a língua, de forma que o brincar e o aprender se entrelaçam. Esse processo de transmissão evidencia que a linguagem não se limita à função comunicativa, mas atua como meio de continuidade histórica, permitindo a atualização de experiências e saberes no presente.

Confluindo com Antônio Bispo (2015), a língua desempenha um papel fundamental no processo de organização da memória ao possibilitar a circulação de narrativas, conhecimentos e práticas que garantem a continuidade da identidade coletiva, tal como destacado por Lucilene Rosa, artesã, poetisa e representante da associação do quilombo, que traz em sua escrita a Cupópia de maneira viva:

Anguta Vimba, seja forte. Em cada canto que eu passava, no cafundó eu cupopiava. Cada vela que eu acendia, o pedido eu fazia, pedindo proteção para o nosso povo. Anguta vimba, seja forte (Periferia em Movimento, 2025, 02:54).

A análise da Cupópia, nesse sentido, deve ser situada no campo da experiência enquanto produtora de conhecimento. Antônio Bispo (2015, p. 52) afirma que os povos tradicionais constroem saberes a partir da relação entre território, memória e prática, operando em uma lógica distinta da racionalidade colonial. A linguagem, nesse contexto, integra esse sistema de produção de conhecimento, organizando formas de percepção e de interpretação da realidade.

Ainda nessa direção, segundo Antônio Bispo (2015), os modos de existência dos povos tradicionais estão profundamente vinculados às formas de nomeação do mundo. Nomear, nesse contexto, não se limita a designar objetos, mas envolve a produção de

relações e sentidos. Falar Cupópia implica se reconhecer como parte da comunidade, compartilhando uma história, um território e um conjunto de referências simbólicas, assim como traz Antônio Luiz Junior, cupopiando com Marcos de Almeida e Juvenil Almeida – griôs da comunidade – sobre o sol intenso no trabalho com a terra na agricultura, o que faz escorrer o suor: “cuenda o vava na camera, cumbe o vavuro” (Cultura Salto de Pirapora, 2021, 4:38).

Registros audiovisuais sobre o Cafundó indicam que a visibilidade da língua Cupópia contribuiu para o reconhecimento externo da comunidade, funcionando como elemento de diferenciação cultural e como recurso político em processos de disputa territorial (Bienal de São Paulo, 2024; SESC SP, 2018). Esse aspecto mostra que a linguagem atua também no campo das relações de poder, participando de processos de legitimação e valorização cultural.

Nessa direção, a valorização e o reconhecimento da língua Cupópia devem ser compreendidos como parte de um processo mais amplo de reconhecimento dos saberes quilombolas. Enquanto expressão cultural singular, a língua constitui um patrimônio imaterial que precisa ser preservado e fortalecido. No entanto, essa valorização não pode se restringir ao reconhecimento simbólico, sendo necessário garantir condições concretas para a continuidade das práticas culturais e para a autonomia das comunidades. A perspectiva decolonial e contra-colonial (Nascimento, 2006; Bispo dos Santos, 2015) aponta, nesse sentido, para a necessidade de reconhecer os territórios quilombolas como espaços legítimos de produção de conhecimento, deslocando a centralidade das instituições hegemônicas.

Conclusão

A língua Cupópia no Quilombo Cafundó evidencia que território, identidade e ancestralidade não se apresentam como dimensões separadas, mas como elementos constitutivos da experiência quilombola. Nesse contexto, a linguagem não apenas reflete o vivido, mas atua diretamente na sua produção, sustentando a circulação de saberes, o fortalecimento dos vínculos comunitários e as práticas cotidianas de resistência frente à colonialidade.

Compreender essa dinâmica exige um reposicionamento teórico no campo da psicologia e das ciências humanas, de modo a considerar a legitimidade de epistemologias enraizadas na experiência histórica dos povos quilombolas. Trata-se de

reconhecer formas de subjetivação que surgem da relação indissociável entre sujeito, território e coletividade, permitindo que tais perspectivas não apenas sejam incorporadas, mas também questionem e reconfigurem os próprios fundamentos a partir dos quais se definem categorias como saúde, linguagem e sujeito.

Ao refletir sobre a permanência dos saberes ancestrais diante das violências coloniais, Antônio Bispo dos Santos afirma:

Porque mesmo que queimem a escrita, não queimarão a oralidade. Mesmo que queimem os símbolos, não queimarão os significados. Mesmo queimando o nosso povo, não queimarão a ancestralidade (Santos, 2015).

A afirmação de Nego Bispo sintetiza a força da ancestralidade como elemento que resiste às tentativas históricas de apagamento cultural. Sua fala evidencia que, para além dos registros materiais, a continuidade dos povos tradicionais se sustenta na memória coletiva, na oralidade e nas práticas cotidianas de transmissão de saberes. Mesmo diante das múltiplas violências produzidas pela colonialidade, persistem modos de existir, narrar e habitar o mundo que garantem a permanência dos significados e das relações que constituem a vida comunitária. É nesse campo que a Cupópia se mantém viva, não apenas como língua, mas como expressão de um mundo que segue resistente. Em Cupópia, viva o Turi Vimba! – viva o território negro!

Referências

BIENAL DE SÃO PAULO. *Quilombo Cafundó (audioguia)*. 2024. Disponível em: <https://35.bienal.org.br/en/audioguias/quilombo-cafundo-3/>. Acesso em: 06 abr. 2026.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

CABNAL, Lorena. Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. In: *FEMINISMOS DIVERSOS: el feminismo comunitario*. Madrid: ACSUR-Las Segovias, 2010. p. 10–25.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CORPOS DA ÁGUA VERMELHA. *Quilombo Cafundó – história e resistência*. YouTube, 1 out. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WO31e58FrmQ>. Acesso em: 16 abr. 2026.

CULTURA SALTO DE PIRAPORA. *Oficina: tradição do quilombo (conhecendo a linguagem cupópia)*. YouTube, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QY8XfbnHbD8>. Acesso em: 17 abr. 2026.

DUDCOSCHI, Luana L.; BARROS, Adriana L. Vimbundo está cucopiando: uma análise sobre a língua falada na comunidade de Cafundó. *Revista Philologus*, 2021.

FURTADO, M. B.; PEDROZA, R. L. S.; ALVES, C. B. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 1, p. 106–115, 2014.

GOMES, André Luís. *Normatização e uso do território na perspectiva das comunidades remanescentes de quilombos: estudo de caso do Cafundó*. 2016.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Mapa de setor rural: 354530805000087 (Comunidade Quilombola Cafundó)*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demografico_2022/mapas_e_descritivos_de_setores_censitarios/SP/3545308/35453080500/MSR/354530805000087/A2_354530805000087_MSR.pdf. Acesso em: 06 abr. 2026.

JORNAL DA TARDE. *Cafundó, quilombo ao vivo*. São Paulo, 11 nov. 1995. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/index.php/acervo/noticias/cafundo-quilombo-ao-vivo>. Acesso em: 27 abr. 2026.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. *Psicologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

MONTERO, Maritza. *Introducción a la psicología comunitaria: desarrollo, conceptos y procesos*. Buenos Aires: Paidós, 2004.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTIS, Alex (org.). *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. *Território como continuidade: Quilombo Cafundó resiste há mais de 150 anos, em Salto de Pirapora/SP*. YouTube, 10 set. 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_TgC1KmKtQM. Acesso em: 16 abr. 2026.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUILOMBO Cafundó – dança, alimento, artesanato e resistência. Produção de Ubu Editora. YouTube, 27 out. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cULZ0hOWMs4>. Acesso em: 10 abr. 2026.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

SANTOS, Vanessa Soares dos; MENDONÇA, Viviane Melo de. Tamucanda: no quilombo Cafundó em saberes e memórias de vó Ifigênia. In: *Ciência e arte do encontro: o Rio de braços abertos*. Campina Grande: Realize Editora, 2024.

SANTOS SOUZA, Neusa. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SAWAIA, Bader (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SESC SÃO PAULO. *Itinerários de resistência: Quilombo Cafundó*. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YM5q0gwnJ_I. Acesso em: 06 abr. 2026.

SILVA, Lucas Bento da. *A dinâmica da construção da identidade e do território no Quilombo Cafundó (Salto de Pirapora – SP)*. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2016.

TV TEM. *Identidades do interior: a assinatura preta da nossa história*. Sorocaba: Rede Globo, 21 nov. 2025. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/14112597/>. Acesso em: 10 abr. 2026.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. *Cafundó: a África no Brasil – linguagem e sociedade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.